

AUTORITARISMO DIGITAL NO BRASIL: MASCULINIDADES CONSERVADORAS E DISCURSO RELIGIOSO NO MOVIMENTO LEGENDÁRIOS

Digital Authoritarianism in Brazil: Conservative Masculinities and Religious Discourse in the Legendários Movement

Guilherme da Silva Pereira¹

RESUMO

Este artigo investiga as intersecções (Crenshaw, 1989) entre autoritarismo digital, masculinidades conservadoras e discurso religioso no Brasil contemporâneo, tomando o Movimento Legendários como estudo de caso. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa fundamentada na Análise de Discurso Crítica (ADC) (Magalhães; Martins; Resende, 2017), articulada a uma perspectiva crítica e interseccional que integra gênero, raça, religiosidade e tecnologia. O referencial teórico baseia-se em Connell (1995, 1997, 2013) e Viveros (2018) para discutir masculinidades; em Faustino (2023), Noble (2021) e Tarcízio Silva (2022) para abordar colonialismo e racismo algorítmico; e em Spinoza (2015) e Matos e Sawaia (2023) para compreender os afetos como dispositivos políticos. O corpus analítico inclui o site, as redes sociais e reportagens sobre o movimento, permitindo examinar como práticas discursivas e estéticas multimodais se articulam à lógica das plataformas digitais. Os resultados indicam que o Legendários mobiliza símbolos religiosos e moralistas para reforçar ideais patriarcais e racializados de masculinidade, utilizando estratégias algorítmicas que amplificam conteúdos polarizadores e emocionalmente carregados. Conclui-se que essas práticas consolidam um projeto político e midiático autoritário, sustentado por valores tradicionalistas e pela instrumentalização da fé cristã no ambiente digital.

Palavras-chave: Autoritarismo Digital; Populismo Digital; Masculinidades Conservadoras; Colonialismo Digital; Interseccionalidade.

ABSTRACT

This article investigates the intersections (Crenshaw, 1989) between digital authoritarianism, conservative masculinities, and religious discourse in contemporary Brazil, taking the Legendários Movement as a case study. The research adopts a qualitative approach grounded in Critical Discourse Analysis (CDA) (Magalhães, Martins, & Resende, 2017), articulated through a critical and intersectional perspective that integrates gender, race, religiosity, and technology. The theoretical framework draws on Connell (1995, 1997, 2013) and Viveros (2018) to discuss masculinities; on

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Possui segunda licenciatura em Letras-Inglês pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). E-mail: gui_wilian3@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6198-1568>

Faustino (2023), Noble (2021), and Tarcízio Silva (2022) to address digital colonialism and algorithmic racism; and on Spinoza (2015) and Matos and Sawaia (2023) to understand affects as political devices. The analytical corpus includes the movement's website, social media content, and journalistic reports, allowing for an examination of how discursive practices and multimodal aesthetics interact with the logic of digital platforms. Findings indicate that Legendários mobilizes religious and moral symbols to reinforce patriarchal and racialized ideals of masculinity, employing algorithmic strategies that amplify emotionally charged and polarizing content. The study concludes that such practices consolidate an authoritarian political and media project, sustained by traditionalist values and by the instrumentalization of Christian faith in the digital environment.

Keywords: Digital Authoritarianism; Digital Populism; Conservative Masculinities; Digital Colonialism; Intersectionality.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo investiga a complexa e multifacetada intersecção entre o autoritarismo digital (Polyakova & Meserole, 2019), a ascensão de masculinidades conservadoras², a influência da religião neopentecostal e as dinâmicas racializadas da política no Brasil contemporâneo. No contexto brasileiro, esse conservadorismo moral e religioso é instrumentalizado politicamente, convertendo-se em uma forma radicalizada e autoritária de atuação social e discursiva. O que se denomina masculinidades conservadoras e discurso religioso no digital refere-se, portanto, a essa hibridização entre o repertório simbólico do conservadorismo moral e as práticas políticas autoritárias e as lógicas de mercado digital.

Este estudo se insere no debate global acerca do autoritarismo na era das plataformas digitais, buscando oferecer uma contribuição original ao focar nas particularidades do contexto brasileiro, onde tais fenômenos se entrelaçam de maneira singular e preocupante. A relevância desta análise reside em compreender como as construções de gênero são mobilizadas e reconfiguradas no ambiente digital para sustentar discursos e práticas autoritárias, articulando-se a dimensões religiosas e raciais. Nesse panorama, o Movimento Legendários³ emerge como um exemplo simbólico das tendências aqui analisadas. Trata-se de uma comunidade online e offline em franca expansão no Brasil,

² Aqui, o termo masculinidades conservadoras é utilizado para designar formas de expressão da masculinidade que buscam reafirmar valores tradicionais de gênero, pautados na autoridade masculina, na subordinação feminina e na moralidade cristã, em oposição às transformações promovidas pelos movimentos feministas e LGBTQIA+. Inspirando-se na reflexão de Raewyn Connell (2013) sobre as formas conservadoras de masculinidade que emergem como reação às mudanças sociais e à crise da masculinidade hegemônica, este artigo compreende tais masculinidades como projetos políticos e culturais.

³ A adoção do termo "Movimento" para o Legendários, embora não represente uma escolha conceitual, reflete a forma como o próprio grupo é socialmente identificado e como é tratado pela cobertura midiática. Essa abordagem permite analisar o Movimento Legendários como um conjunto estruturado de práticas, narrativas e símbolos que circulam entre seguidores, lideranças e figuras públicas, gerando efeitos sociais concretos, sem que com isso, se comprometa a distância crítica deste artigo.

direcionada predominantemente a homens, que promove um conjunto de valores explícitos de masculinidade, fé e superação física, ressoando profundamente com a cultura digital autoritária que se consolidou no país.

Sendo assim, delimitam-se como objetivos centrais: analisar criticamente de que modo as masculinidades conservadoras, os discursos religiosos e as narrativas raciais são digitalmente construídos, mobilizados e entrelaçados no contexto do Movimento Legendários; e discutir os conceitos de colonialismo digital e racismo algorítmico à luz das especificidades do contexto brasileiro. Essa análise se alinha a uma perspectiva que entende o gênero como uma tecnologia social e discursiva (Connell, 1995; Butler, 2004), capaz de moldar práticas, valores e identidades, e propõe uma ruptura epistêmica ao questionar os modelos de masculinidade e poder que continuam a operar sob lógicas coloniais e patriarcais.

O referencial teórico deste estudo fundamenta-se em uma perspectiva crítica e interseccional que articula gênero, raça, religiosidade e tecnologia. A noção de masculinidades é compreendida como prática social e relacional (Connell, 1995, 1997; Connell; Messerschmidt, 2013), ampliada por leituras interseccionais e decoloniais que evidenciam suas dimensões raciais e históricas (Viveros, 2018; Veiga, 2019; Restier, 2021). Essa abordagem dialoga com as discussões sobre racismo estrutural (Almeida, 2020) e branquitude (Bento, 2007), articulando-se às reflexões de Faustino (2023), Noble (2021) e Silva (2019, 2022) sobre o colonialismo digital e o racismo algorítmico. No campo da política e da comunicação, autores como Cesarino (2020), Sial Neto (2025) e Cunha (2023) contribuem para compreender o populismo digital e sua intersecção com o discurso religioso, enquanto Spinoza (2015) e Matos e Sawaia (2023) ajudam a pensar os *afetos*⁴ como instrumentos de controle e servidão política. Assim, o referencial adotado permite compreender como masculinidades conservadoras se entrelaçam a práticas discursivas e tecnológicas que sustentam formas contemporâneas de autoritarismo, evidenciando como valores tradicionalistas foram apropriados, distorcidos e amplificados em um projeto político de caráter autoritário, racializado e patriarcal.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa fundamentada na Análise de Discurso Crítica (ADC), conforme Magalhães, Martins e Resende (2017), que permite examinar como os discursos produzem e reproduzem relações de poder e hegemonia. O corpus foi construído a partir de materiais textuais e visuais provenientes do site e do perfil oficial no Instagram do Movimento Legendários, além de reportagens publicadas em veículos

⁴ O termo *afeto*, na perspectiva spinozana, designa a potência de ação e de ser afetado do corpo e da mente. Discursos autoritários e populistas, ao manipular afetos como medo e ressentimento operam como dispositivos de controle e servidão (Spinoza, 2015; Matos & Sawaia, 2023).

de ampla circulação, como *GI*, *Gazeta do Povo*, *CNN Brasil*, *Esquire Brasil*, *Terra* e *AzMina*, no período de 2024 a 2025, fase de maior visibilidade midiática do grupo. A seleção dos materiais considerou a recorrência de elementos discursivos ligados à linguagem militarizada, à retórica religiosa e à comercialização da masculinidade. A ADC, aplicada a esse conjunto, possibilita identificar as estratégias pelas quais o movimento articula masculinidades conservadoras, discursos religiosos e práticas autoritárias na esfera digital no Brasil contemporâneo.

A estrutura do artigo organiza-se da seguinte forma: além da seção de introdução, a seção 2 aborda o autoritarismo digital no contexto brasileiro, articulando-o às masculinidades conservadoras e ao populismo digital, que sustentam a retórica moral e política analisada ao longo do trabalho. A seção 3 apresenta o Movimento Legendários como estudo de caso, examinando sua atuação nas redes sociais e os modos pelos quais constrói e dissemina um ideal de masculinidade conservadora. Por fim, a seção 4 reúne as considerações finais, nas quais se sintetizam os principais achados e se propõe uma reflexão sobre a necessidade de imaginar futuros digitais mais justos, plurais e democráticos.

2. AUTORITARISMO DIGITAL: MASCULINIDADES CONSERVADORAS E POPULISMO DIGITAL NO BRASIL

De início, cabe definir o que entende-se por “autoritarismo digital”, sobretudo no contexto brasileiro, que no escopo deste artigo é entendido como “o uso de tecnologia de informação digital por regimes autoritários para vigiar, reprimir e manipular populações domésticas e estrangeiras [...] , remodelando o equilíbrio de poder entre democracias e autocracias” (Polyakova; Meserole, 2019, p. 1, tradução do autor). No Brasil, tais dinâmicas requerem a compreensão, ainda que breve, das raízes históricas e políticas que moldaram a trajetória autoritária do país. O Brasil carrega um legado de períodos autoritários, com destaque para a longa ditadura militar (1964-1985), cujas sombras ainda pairam sobre as instituições e a cultura política (Schwarcz, 2019). Como argumenta Perlatto (2021), essas heranças manifestam-se em uma democracia por vezes frágil, suscetível a retrocessos e marcada por uma persistente polarização política que cria um terreno fértil para a emergência e aceitação de discursos autoritários. No século XXI, o autoritarismo latente no Brasil encontrou nas plataformas digitais um novo e potente canal de expressão e disseminação, reconfigurando suas táticas e ampliando seu alcance. A transição democrática, embora fundamental, não erradicou completamente as mentalidades e práticas autoritárias. Em um contexto de crises políticas e econômicas, essas práticas se reacenderam com vigor, explorando a fragilidade da esfera pública brasileira.

As mídias sociais desempenham um papel crucial e ambivalente nesse cenário. Se por um lado ampliaram as possibilidades de participação e expressão, por outro, tornaram-se vetores centrais para

a disseminação e normalização de ideologias conservadoras, antidemocráticas e de extrema-direita. Partindo da análise de Tufekci (2017) sobre o controle algorítmico, pode-se argumentar que em democracias recentes ou fragilizadas, como a brasileira, o ambiente digital configura-se como um novo espaço de controle e mediação, no qual algoritmos e corporações exercem influência direta sobre a formação da opinião pública⁵ e o funcionamento da esfera democrática. Delmazo e Valente (2018) demonstram como plataformas digitais como Facebook, Instagram, YouTube e, de forma mais intensa, aplicativos de mensagens como WhatsApp e Telegram, foram instrumentalizadas para estruturar ambientes comunicacionais segmentados, em que conteúdos circulam de modo a reforçar crenças e percepções já existentes. Pesquisas recentes confirmam que o fenômeno das bolhas informacionais decorre do funcionamento dos algoritmos, que filtram conteúdos com base nos rastros digitais e preferências dos usuários, restringindo o acesso à diversidade de ideias e perspectivas (Silva et al., 2025). Assim, embora ninguém viva isolado em uma “bolha” no sentido literal, a metáfora permanece válida para descrever o efeito de personalização algorítmica que cria zonas de conforto cognitivo e afeta a qualidade do debate público.

Delmazo e Valente (2018) demonstram que o engajamento nas redes sociais independe da leitura efetiva, segundo os autores, um estudo divulgado pela Universidade de Columbia e o Instituto Nacional Francês, cerca de 59% dos links compartilhados não são clicados. Esse mecanismo favorece conteúdos sensacionalistas e ainda destacam que durante as eleições norte-americanas de 2016, as *fake news* com melhor desempenho no Facebook geraram mais engajamento do que as reportagens de veículos tradicionais como *The New York Times* e *Washington Post*, evidenciando o peso do engajamento como critério algorítmico de relevância.

Influenciadores digitais conservadores, compreendidos aqui como criadores de conteúdo que produzem, difundem e performam narrativas voltadas à reafirmação de valores tradicionais, tornaram-se atores centrais na curadoria e propagação de discursos de gênero, religião e política no ambiente digital. Muitos deles se alinham explicitamente a movimentos religiosos e políticos específicos, estruturando verdadeiras comunidades virtuais de engajamento e identificação simbólica. Como exemplifica Monteiro (2025) em matéria publicada pela revista *AzMina*, o Movimento Legendários tem se destacado como uma dessas expressões contemporâneas. Misturando estética

⁵ A fim de aprofundar o diálogo sobre a influência e formação da opinião pública, o termo 'fake news' será adotado como uma escolha conceitual e epistemológica. Essa decisão visa refletir a ampla aceitação do termo no contexto social e político estudado. E embora existam autores que proponham expressões como “desordem informacional” ou “informação descontextualizada”, além de carregar um valor heurístico e histórico, o conceito de *fake news* se consolidou no campo dos estudos em comunicação e mídia digital para designar conteúdos intencionalmente falsos, fabricados e difundidos com objetivos políticos, econômicos ou ideológicos. Essa escolha encontra respaldo na literatura internacional e nacional, em especial em Delmazo e Valente (2018).

militar, discurso cristão e coaching motivacional, o grupo mobiliza figuras midiáticas como Thiago Nigro, Gustavo Tobarão, Pablo Marçal e o ex-BBB Eliezer, construindo uma rede de influência capaz de articular masculinidades conservadoras com práticas de consumo e religiosidade performática. O alcance do movimento, que já ultrapassa 25 mil participantes apenas no Brasil, revela o poder de difusão dessas narrativas nas plataformas digitais, impulsionadas tanto pela lógica de visibilidade das redes quanto pela autoridade carismática de seus porta-vozes.

Portanto, ainda que se reconheça a existência de iniciativas corporativas voltadas ao combate da desinformação, o funcionamento econômico e técnico das plataformas permanece atrelado a métricas de atenção e viralização. Essa estrutura opera, como observa Recuero e Gruzd (2019), como um terreno fértil para o aprofundamento da polarização e para a consolidação de ecossistemas informacionais fragmentados, nos quais o diálogo democrático é substituído pela lógica da disputa simbólica e afetiva. Assim, longe de representar um fenômeno isolado, o caso brasileiro insere-se num quadro mais amplo, em que a combinação entre algoritmos de engajamento, influenciadores conservadores e narrativas religiosas e nacionalistas têm produzido novas formas de autoritarismo digital em diferentes contextos globais.

O governo Bolsonaro (2019-2022) representou um ápice desse fenômeno, caracterizando-se por um populismo autoritário digital singular. Segundo Cesarino (2020), as estratégias de comunicação digital do ex-presidente e de seus apoiadores foram marcadas pelo uso intensivo e coordenado das redes sociais para mobilização política, culto à personalidade, ataque sistemático a instituições democráticas (como o Supremo Tribunal Federal e o sistema eleitoral), descredibilização da imprensa tradicional e perseguição a adversários políticos, jornalistas, acadêmicos e ativistas.

O chamado “populismo digital” insere-se nesse contexto como uma lógica política e comunicacional que articula plataformas digitais, afetos e estratégias discursivas de mobilização. Cabe pontuar, que o termo *afeto*, ao longo deste artigo, é mobilizado na perspectiva spinozana, compreendido como potência de ação do corpo e da mente, uma força que determina a capacidade de agir e ser afetado em relação ao mundo. Essa concepção, retomada por Matos e Sawaia (2023), permite entender os afetos não como simples emoções individuais, mas como dispositivos políticos capazes de ampliar ou restringir a ação coletiva. Nesse sentido, no contexto do populismo digital, o *afeto religioso* ou o *afeto moral* são analisados aqui como forças discursivas e relacionais que, ao serem instrumentalizadas por discursos autoritários e populistas, operam na gestão dos corpos e na produção da servidão. Para Cesarino (2020, p. 95), o termo populismo digital, refere-se simultaneamente a um aparato midiático, um mecanismo discursivo e uma tática política de construção de hegemonia. Nesse sentido, este funciona como um dispositivo de engajamento e

identificação, capaz de mobilizar a ação coletiva, predominantemente por meio das redes sociais, convertendo emoções coletivas em capital político.

O autor Bruzzone (2021, p. 17, apud Sial Neto, 2025, p. 145), aprofunda ainda mais o termo, chamando-o de *ciberpopulismo*, para ele, este termo conserva a mesma estrutura narrativa do populismo tradicional, baseada na oposição entre “um povo que deve ser salvo”, “um inimigo que deve ser derrotado” e “um líder capaz de realizar essa salvação”. Essa lógica binária, transposta para o ambiente digital, simplifica o debate público e favorece a viralização de conteúdos polarizadores, reforçando a retórica do conflito e a adesão emocional dos seguidores. Assim, o populismo digital emerge como um fenômeno híbrido, no qual a tecnologia potencializa antigos mecanismos populistas ao mesmo tempo em que inaugura novas formas de controle, pertencimento e disputa simbólica nas arenas virtuais.

Ricard e Medeiros (2020) analisam com captura de tela o conteúdo arquivado das *lives* semanais de Bolsonaro no Facebook e YouTube, demonstrando como essas transmissões se tornaram um canal direto de comunicação com sua base, contornando os intermediários da mídia tradicional e difundindo narrativas muitas vezes desconectadas da realidade factual. Paralelamente, o desmonte de políticas públicas e secretarias em áreas como cultura, educação, direitos humanos e meio ambiente foi acompanhado e justificado por um discurso digital que desqualificava essas agendas como “ideológicas” ou contrárias aos “valores da família brasileira” (Avritzer, 2020).

Na esfera digital brasileira, entendida aqui, como o conjunto de plataformas, redes sociais, aplicativos de mensagens, blogs, canais de vídeo, comunidades online e perfis de influência nos quais circulam ideias e discursos, a construção e legitimação de modelos específicos de masculinidades conservadoras, profundamente entrelaçadas com discursos religiosos e narrativas raciais, tornou-se um campo fértil. Nesse espaço, as plataformas e seus atores não apenas refletem, mas ativamente moldam e reforçam concepções hegemônicas de masculinidade, caracterizadas pela figura do homem provedor, forte, heterossexual, cristão e patriota. Esses discursos frequentemente se posicionam em reação direta às pautas feministas e de gênero, percebidas como ameaças à ordem social tradicional e à identidade masculina.

A retórica da “crise da masculinidade” é habilmente explorada por movimentos conservadores, como o Legendários, que mobilizam tanto a esfera digital, por meio de vídeos, redes sociais e canais de influenciadores como Ricardo Martins, Thiago Nigro e Pablo Marçal, quanto encontros presenciais, para prometer a restauração de uma suposta ordem masculina perdida. Nesses espaços, os participantes são incentivados a recuperar seu papel de liderança e autoridade na família

e na sociedade, seguindo padrões de masculinidade tradicional fortemente associados à religiosidade, ao patriarcado e à moral conservadora. Como observa Monteiro (2025), o Legendários atrai famosos e políticos, promovendo treinamentos que reforçam papéis de gênero conservadores e consolidam a ideologia do “homem provedor e líder” em contextos sociais contemporâneos (Delmazo & Valente, 2018; Recuero & Gruzd, 2019). Essa estratégia acaba reforçando identidades masculinas conservadoras e consolidando práticas sociais que se alinham a esses ideais. Essa narrativa encontra eco em um público masculino que se sente deslocado pelas transformações sociais e busca no conservadorismo digital um porto seguro e uma reafirmação de sua identidade, alimentando o populismo que este promove.

A articulação entre masculinidades conservadoras, autoritarismo digital, discurso religioso e raça evidenciam interseções complexas que atravessam dimensões sociais, culturais e religiosas. A escolha do termo “interseções” é epistemologicamente consistente e, longe de esvaziar seu poder analítico, constitui uma apropriação crítica que permite compreender como diferentes dimensões, raça, gênero e religião, se cruzam e se reforçam mutuamente, produzindo efeitos sociais concretos. Ou seja, o uso do conceito ‘interseção’ deve ser pensado de forma adaptativa, considerando o objeto de análise, o lugar de onde o pesquisador pensa e o contexto da investigação. Não se trata de uma utilização arbitrária ou inadequada, mas de uma reflexão epistemológica consciente, que confronta o que Ribeiro, Souza e Sampaio (2018, p.33) chamam de “polícia metodológica hegemônica”: a ideia de que determinados conceitos só poderiam ser empregados em contextos previamente delimitados, sem espaço para apropriações críticas ou expansivas.

Dessa forma, o conceito de interseção é utilizado aqui de maneira reflexiva, para mapear como masculinidades conservadoras se articulam com racismo estrutural e discursos neopentecostais no Brasil, produzindo efeitos concretos em práticas sociais, políticas de gênero e representações culturais. Tais interseções são particularmente significativas no contexto brasileiro, marcado por um histórico racial desigual, a centralidade das igrejas neopentecostais na vida social e política e a intensa presença de redes digitais que amplificam e legitimizam discursos conservadores. Nesse cenário, tais masculinidades se consolidam como modelos de referência social, ao mesmo tempo em que entram em tensão com pautas feministas e outras agendas progressistas, evidenciando como raça, religião e gênero se entrelaçam na produção e manutenção de hierarquias sociais e culturais. Que se alinham a uma perspectiva branca e cristã, instrumentalizando crenças de uma “guerra espiritual” contra “ideologias progressistas” (muitas vezes codificadas como ameaças à família e aos valores cristãos).

Como demonstra Junqueira (2018) em sua análise sobre a invenção da “ideologia de gênero”, esse termo foi estrategicamente elaborado como uma categoria política reacionária, voltada a

desqualificar os estudos de gênero e as políticas de igualdade. O autor evidencia que essa construção discursiva⁶ emergiu de setores religiosos conservadores e se disseminou rapidamente no Brasil, sendo instrumentalizada para mobilizar pânico morais e justificar ataques a direitos conquistados. A retórica da “guerra espiritual” contra a “ideologia de gênero” tornou-se, portanto, um pilar central do discurso neopentecostal conservador, que apresenta qualquer avanço em direitos sexuais e de gênero como uma ameaça existencial à família tradicional e aos valores cristãos (Junqueira, 2018).

As interseções entre religião e política, especialmente nas vertentes neopentecostais, operam de forma proeminente no ambiente digital como mecanismos de exclusão e marginalização de outras expressões de fé e visões de mundo, reforçando hierarquias morais e simbólicas que sustentam narrativas autoritárias. Nesse contexto, a masculinidade hegemônica que, nas sociedades ocidentais, especialmente aquelas que tiveram a experiência colonial é: branca, heterossexual e burguesa (Souza, 2023), acaba sendo reforçada como a norma e o ideal masculino. Essa dinâmica discursiva manifesta-se por meio da invisibilização, subalternização e estereotipagem das masculinidades negras e indígenas. Tais práticas são centrais na falomaquia, conceito que descreve a disputa (*maquia*) pelo poder (*phallus*) e prestígio conferidos pela masculinidade entre homens negros e brancos (Souza, 2023). Essa luta, por vezes caracterizada como um “verdadeiro massacre” (Souza, 2023), ocorre através da desqualificação das masculinidades não-hegemônicas, nesta direção a ausência de representação ou a representação distorcida, como o estereótipo do homem negro enquanto ameaça sexual (Souza, 2023), constitui uma estratégia discursiva da extrema-direita que visa reforçar a branquitude como padrão universal e único modelo de prestígio masculino.

A estética visual, os memes, vídeos e textos que circulam nas redes digitais são cuidadosamente elaborados para reforçar a visão de mundo conservadora e mobilizar afetos em torno dela. No caso das masculinidades conservadoras, o foco é a promoção de um ideal masculino hegemônico, ancorado em moralidade cristã, autoridade patriarcal e atributos tradicionais de masculinidade, como força, liderança e autossuficiência. Diferentemente de outros grupos que mobilizam identidades coletivas por pautas étnicas, de gênero ou políticas, as masculinidades conservadoras digitais buscam preservar e restaurar a supremacia masculina, posicionando-se contra feministas, comunidades LGBTQIA+ e qualquer movimento que desafie a ordem patriarcal. Essa produção de conteúdo não só comunica valores, mas também cria um senso de pertencimento e

⁶ Embora autores como Butler (2024), em *Quem tem medo do gênero?*, dialoguem com essas dinâmicas discursivas e ofereçam importantes contribuições teóricas para compreender a construção social da categoria de gênero, a escolha epistemológica neste artigo recai sobre Junqueira (2018). Essa decisão se fundamenta na pertinência do estudo para o contexto brasileiro contemporâneo, em que os discursos conservadores e religiosos moldam políticas, mobilizações sociais e narrativas públicas específicas.

identidade específico, funcionando como estratégia de coesão e mobilização do grupo. Assim, a circulação de memes, vídeos e textos transforma-se em uma guerra cultural digital, característica das masculinidades conservadoras, que visa consolidar e expandir sua visão de masculinidade frente a outros modelos sociais.

Ainda é relevante conceituar a noção de “guerra cultural” para situar seu uso ao longo deste artigo. Esse termo, amplamente empregado na análise de dinâmicas de extrema-direita e que no caso brasileiro, emerge no digital por meio das masculinidades conservadoras promovidas pelo Movimento Legendários, envolve a construção de inimigos simbólicos, a mobilização de afetos religiosos e a indução de pânico moral como ferramentas de engajamento e consolidação das bases. Conforme Ruth Wodak (2015) evidencia em seu conceito de “política do medo”, a exploração de ansiedades sociais e a dramatização de ameaças à família tradicional e aos valores cristãos são estratégias centrais para a disseminação de ideologias autoritárias.

Essa radicalização afetiva é amplificada pelas plataformas digitais, que, através de seus algoritmos, favorecem a circulação de conteúdos polarizadores e emocionalmente carregados, contribuindo para a formação de ‘câmaras de eco’⁷ e aprofundando a divisão social. A demonização de grupos minoritários e a invocação de uma “batalha espiritual” contra o “mal” são elementos-chave dessa estratégia discursiva, que visa não apenas a adesão ideológica, mas também a mobilização política e a radicalização afetiva de seus seguidores.

3. O MOVIMENTO LEGENDÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO NAS REDES SOCIAIS

O Movimento Legendários, originado em 2015 na Guatemala sob a liderança do pastor Chepe Putzu, da Igreja Casa de Dios, constitui um fenômeno religioso e sociocultural que articula masculinidades conservadoras, práticas de autoritarismo digital e discursos de restauração moral (G1, 2025a). De base cristã evangélica, vinculada ao campo neopentecostal, o movimento propõe a “transformação do homem” por meio de uma espiritualidade guerreira e performática, ancorada na figura de Jesus como o “Legendário #001” (Gazeta do Povo, 2025a). Sua retórica de “despertar o guerreiro interior” é mobilizada em torno da promessa de recuperar a liderança masculina na família, na igreja e na sociedade, dialogando com o imaginário da crise da masculinidade e com valores morais e religiosos conservadores (Esquire Brasil, 2025).

⁷ O termo *câmaras de eco* designa ambientes comunicacionais, frequentemente estruturados por algoritmos de recomendação, em que os indivíduos são expostos majoritariamente a informações e opiniões que confirmam suas crenças prévias, reduzindo o contato com perspectivas divergentes. Nesses espaços, os discursos são retroalimentados por dinâmicas de auto-reforço e desconfiança sistemática em relação a fontes externas, o que favorece a consolidação de identidades políticas homogêneas e a intensificação da polarização social (Oliveira; Medeiros; Mattos, 2022).

No contexto digital e midiático, o Movimento Legendários constrói uma identidade coletiva fortemente emocional e participativa, apoiada por uma estrutura que combina retiros imersivos, células de discipulado e uma intensa presença online (Instagram, 2025). Os retiros imersivos, denominados *TOP- Track Outdoor Potential*, constituem o eixo central da experiência legendária: encontros de aproximadamente 72 horas, que mesclam atividades físicas intensas, provas de resistência emocional e espiritual e pregações religiosas performáticas, com o objetivo declarado de “restaurar a essência masculina” e “devolver o herói a cada família” (Gazeta do Povo, 2025a; Terra, 2025). Essa combinação de elementos físicos, religiosos e simbólicos cria uma atmosfera de imersão afetiva e doutrinária, reforçando laços de pertencimento e um *ethos* de fraternidade masculina (G1, 2025a; Esquire Brasil, 2025).

O movimento chega ao Brasil em 2017, introduzido por Ricardo Bernardes, primeiro brasileiro a completar o desafio e posteriormente nomeado diretor do Movimento Legendários Brasil (Gazeta do Povo, 2025b). A primeira edição nacional ocorreu em novembro de 2018, em Balneário Camboriú (Santa Catarina), marcando o início de sua rápida expansão no país (G1, 2025a). No contexto brasileiro, o Movimento Legendários encontrou um terreno fértil de recepção entre comunidades evangélicas neopentecostais, empresários, influenciadores digitais e jovens em busca de referenciais tradicionais de masculinidade, alinhando-se a correntes conservadoras já consolidadas e capitalizando sobre afetos religiosos e morais em torno da “crise da masculinidade” (Gazeta do Povo, 2025a; G1, 2025b). Assim, sua atuação transnacional não apenas reforça a difusão de masculinidades conservadoras em chave religiosa, mas também evidencia como a digitalização da fé e a circulação de discursos de autoridade espiritual têm se convertido em estratégias eficazes de formação de identidades e mobilização política.

A análise do Movimento Legendários revela que a questão racial é identificada de forma mais explícita através da ausência e do recorte de classe, uma vez que o custo de participação nos retiros, varia entre R\$ 1.300,00 e R\$ 1.850,00 (Gazeta do Povo, 2025), estabelecendo uma barreira financeira que restringe o acesso à classe Média Alta e Alta. No Brasil, a desigualdade de renda possui um forte componente racial. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram que a população preta e parda está historicamente concentrada nas faixas de renda mais baixas (IBGE, 2022). Portanto, ao se posicionar como um produto de alto custo, o Movimento Legendários opera um filtro racial implícito, excluindo a maioria da população negra e indígena, que não possui o capital financeiro necessário para a participação.

Além da dimensão econômica, é necessário considerar a barreira simbólica e religiosa que o movimento impõe. Como observado até aqui, o Movimento Legendários estrutura-se a partir de uma

matriz cristã neopentecostal, que se apresenta como ideal universal de fé e espiritualidade masculina. Nesse sentido, este não apenas exclui financeiramente, mas também deslegitima outras formas de religiosidade, afro-brasileiras, indígenas ou mesmo seculares, reforçando a hierarquização das crenças no imaginário nacional. Essa centralidade cristã cria um campo de pertencimento restrito, onde apenas determinados sujeitos e espiritualidades são reconhecidos como legítimos, enquanto outras experiências religiosas permanecem invisibilizadas ou desautorizadas. Assim, o recorte de exclusão não se limita ao capital financeiro, mas também se manifesta como exclusão epistemológica e religiosa.

A estética visual e a linguagem empregada pelo Movimento Legendários são construídas de forma estratégica para evocar noções de força, aventura, fraternidade e uma espiritualidade de caráter combativo. Isto tudo, corrobora para a postura teórico-metodológica adotada neste artigo: a Análise de Discurso Crítica, conforme delineado por Magalhães, Martins e Resende (2017), entendendo que o discurso não apenas reflete o mundo social, mas o constitui, sendo portanto, um campo privilegiado para compreender como o poder e a ideologia se materializam através linguagem. Sendo assim, a estética do Movimento Legendários é marcada por imagens de natureza selvagem e montanhosa, e a presença de homens em vestimentas que remetem ao militarismo (uniformes, bandeiras, formação em grupo), o que evoca a ideia de superação e disciplina (Legendários, [s.d.]). A linguagem é permeada por termos como “legado”, “propósito”, “transformação” e “batalha espiritual”, culminando no grito de guerra “AHU!”, que funciona como um potente marcador identitário e símbolo de união e combate (Uol, 2025). Diversos influenciadores digitais, pastores e personalidades conservadoras associam-se ao movimento, amplificando sua mensagem e emprestando sua credibilidade para atrair novos adeptos (Monteiro, 2025).

Ainda sobre a estética promovida pelo Movimento Legendários, conforme analisado nas peças veiculadas em seu site (Legendários, [s.d.]), esta, dialoga diretamente com o conceito de masculinidade hegemônica, historicamente associada à branquitude nas sociedades ocidentais (Souza, 2023). Embora o movimento não utilize elementos textuais explícitos de cunho racista, a ausência de representação significativa de homens negros e indígenas nas imagens promocionais do grupo (Legendários, [s.d.]) e a notória presença de celebridades brancas e de alto poder aquisitivo (Gazeta do Povo, 2025) reforçam a branquitude como a norma e o ideal masculino a ser alcançado. Essa dinâmica, identificada pela ausência e pela estética visual, subalterniza as masculinidades negras e indígenas, que são invisibilizadas no discurso de "restauração do herói" (Souza, 2023)

Sobre os valores centrais promovidos pelo Movimento Legendários, nota-se que são inequivocamente patriarcais e conservadores, defendendo a liderança masculina na família e na

sociedade. A própria declaração de propósito, extraída do site, afirma que busca-se "Devolver o herói a cada família" e que seus participantes são "homens inquebrantáveis diante do pecado, mas quebrados diante de Deus" (Legendários, [s.d.]), o que reforça o papel de provedor e líder moral. Outro aspecto central é a comercialização dessa masculinidade e da transformação pessoal. O Movimento Legendários se sustenta na venda de produtos licenciados (Loja Legendários Brasil, [s.d.]).

A análise do Movimento Legendários, enquanto expressão das masculinidades conservadoras e das formas contemporâneas de autoritarismo religioso no Brasil, ganha maior densidade quando articulada à ideia de colonialidade digital. Este conceito, compreendido não no sentido geopolítico clássico Norte-Sul, mas como uma reconfiguração local das hierarquias globais de poder e saber mediadas pelas tecnologias, inspira-se nas formulações de Couldry e Mejias (2019) sobre o "colonialismo de dados". Que para os autores é a extensão de um processo global de extração que culmina na apropriação da própria vida humana por meio de sua conversão em dados. Deslocando este conceito para o contexto latino-americano, as plataformas digitais, os discursos religiosos e as masculinidades conservadoras, no âmbito do Movimento Legendários, reproduzem lógicas coloniais de dominação simbólica e moral. No Brasil, essas dinâmicas se articulam à difusão de discursos religiosos e masculinidades conservadoras, que encontram nas redes um terreno fértil para a naturalização de hierarquias de gênero, raça e religiões neopentecostais.

Nesta perspectiva, ainda que o Movimento Legendários tenha se originado na Guatemala e se expandido no Brasil, ou seja, dentro do próprio Sul Global, sua atuação digital opera sob infraestruturas, linguagens e imaginários colonizados, herdados de modelos euro-norte-americanos de religião, masculinidade e autoridade. Tal perspectiva, vai de encontro ao que Safiya Noble (2018) argumenta quando diz que tecnologias digitais se tornam dispositivos de reprodução de poder, estruturando o olhar e o imaginário social a partir de um centro normativo branco, masculino e cristão. Não distante disso, no contexto brasileiro, autores como Faustino e Lippold (2023) e Tarcízio Silva (2022) ampliam essa crítica ao demonstrar que as plataformas digitais operam como extensões das desigualdades coloniais, reproduzindo mecanismos de silenciamento e exclusão de corpos racializados e dissidentes no Brasil. Dessa forma, falar em colonialidade digital no caso do Movimento Legendários não é banalizar o conceito, mas situá-lo criticamente: trata-se de compreender como estruturas globais de poder digital e cultural são reapropriadas localmente para produzir novas formas de subordinação e hierarquização moral, especialmente através da performatividade masculina cristã e do discurso da restauração moral que é amplamente comercializado.

Tal comercialização, permite dizer que o recorte de classe e a estética da branquitude no Movimento Legendários se encaixam na dinâmica da *falomaquia* (Souza, 2023), que descreve a disputa pelo prestígio da masculinidade entre homens brancos e negros. Ao comercializar a virilidade idealizada a um custo elevado, estes transformam o prestígio masculino em um bem de consumo acessível apenas à elite econômica, majoritariamente branca. A exclusão dos homens negros e indígenas do "círculo" do Movimento Legendários não é apenas um dado demográfico, mas sim um elemento que reforça a hegemonia do modelo de masculinidade promovido, confirmando a crítica de que a complexidade das experiências de homens negros e indígenas é marginalizada por esses discursos dominantes. Tal elemento reforça o acordo implícito e inconsciente entre indivíduos brancos que visa à manutenção de privilégios e à exclusão não verbalizada de pessoas negras, funcionando como aquilo que Bento (2007) chama de pacto narcísico da branquitude.

A promoção de uma “guerra espiritual”, a defesa intransigente de valores patriarcais e a ênfase na “pureza moral” são pilares centrais do discurso do Movimento Legendários. Este movimento evangélico masculino estrutura sua atuação no ambiente digital por meio da lógica da batalha espiritual, onde o mundo é dividido entre forças do bem e do mal, exigindo vigilância constante e mobilização combativa. No caso do Movimento Legendários, a figura do “homem de verdade” é construída em oposição ao avanço de pautas feministas, LGBTQIA+ e seculares, sendo o patriarcado ressignificado como missão divina (Bellotti, 2009; 2018). No ambiente digital, essas narrativas são amplificadas por meio de uma estética agressiva, emocionalmente carregada e visualmente atraente: posts no Instagram e Facebook, vídeos no YouTube e o conteúdo do site oficial da organização trazem testemunhos de “restauração”, apelos emocionais à masculinidade heroica e convocações públicas à fidelidade religiosa e à missão divina. Hashtags como #legendarios, #homemdeverdade, #hombridade e #proposito operam como marcadores identitários, articulando um pertencimento coletivo baseado em fé, masculinidade e combate espiritual.

A arquitetura das redes sociais e seus sistemas de moderação e curadoria automatizada, ao operarem com padrões embutidos de exclusão, contribuem diretamente para a manutenção das hierarquias sociais. Como observa Noble (2021), a ausência de diversidade racial e de gênero na indústria tecnológica não é apenas um reflexo das desigualdades existentes, mas um vetor ativo na sua reprodução. Essa crítica converge com a proposta de Faustino e Lippold (2023), ao analisarem o colonialismo digital como um processo que atualiza o racismo estrutural por meio de tecnologias supostamente neutras. Assim, os algoritmos deixam de ser apenas ferramentas técnicas e passam a ser compreendidos como tecnologias de poder que operam na intersecção entre o mercado, o Estado e as lógicas coloniais contemporâneas. A urgência por uma inteligência artificial antirracista e por

mecanismos de governança digital mais transparentes e inclusivos é, portanto, uma pauta central para a justiça social no ecossistema digital.

Dessa forma, a análise do Movimento Legendários à luz dos debates sobre tecnologias digitais, religião e masculinidades conservadoras permite compreender como determinados discursos se consolidam e ganham força no ambiente online. Mais do que um fenômeno isolado, trata-se de um exemplo representativo das formas de controle social e produção de subjetividades que atravessam as plataformas digitais e suas lógicas algorítmicas, revelando a centralidade da fé instrumentalizada através da religião cristã, da moralidade e da identidade de gênero nas disputas simbólicas do presente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: FUTUROS DIGITAIS

Este artigo buscou desvelar as intersecções entre autoritarismo digital, masculinidades conservadoras, discursos religiosos e dinâmicas raciais no Brasil contemporâneo, utilizando o Movimento Legendários como um estudo de caso. A análise demonstrou que o colonialismo digital e o controle algorítmico perpetuam e exacerbam as dinâmicas de poder no contexto brasileiro, reforçando hierarquias e silenciando vozes dissidentes.

É importante reconhecer que a relação entre discurso digital e seus efeitos sociais não é direta nem unívoca. Concorde-se, portanto, com a crítica de que os sentidos produzidos nas mídias são sempre mediados e disputados, conforme argumentam Hall (1980) em sua teoria do *Encoding/Decoding* ao destacar o papel ativo dos usuários na apropriação das tecnologias. Assim, a presente análise não pretende afirmar um determinismo tecnológico, mas evidenciar como o Movimento Legendários mobiliza recursos discursivos, especialmente o discurso religioso e moralizante, para estruturar estratégias de engajamento que buscam orientar percepções e afetos no ambiente digital. Embora as interpretações dos públicos possam variar, os resultados apontam que a estética, a linguagem e a circulação das mensagens do movimento produzem efeitos simbólicos significativos, contribuindo para a normalização de valores hierárquicos e autoritários no espaço público.

Sendo assim, constatou-se que o Movimento Legendários utiliza o discurso religioso nas plataformas digitais como uma estratégia discursiva central para mobilizar afetos, polarizar o debate público e consolidar sua base. Essa estratégia, que instrumentaliza a fé para a religião cristã e promove um ideal masculino hegemônico, permite a disseminação em massa de narrativas que desumanizam o “outro” e legitimam a violência simbólica. O risco de um aprofundamento do autoritarismo, alimentado por *fake news*, permanece uma ameaça constante à democracia brasileira.

Diante desse cenário, torna-se urgente refletir sobre os mecanismos de regulação e responsabilização das plataformas digitais, assim como sobre a necessidade de ampliar o letramento midiático e digital da população. Estudos como os de Faustino (2023), Noble (2021) e Tarcízio Silva (2022) apontam caminhos para o desenvolvimento de tecnologias mais inclusivas, éticas e antirracistas, evidenciando a importância de uma crítica constante às práticas políticas autoritárias e as lógicas de mercado digital vigente. Além disso, é fundamental compreender que o enfrentamento ao autoritarismo digital não se dá apenas no campo da tecnologia, mas exige o fortalecimento de formas plurais de produção de conhecimento, espiritualidade e masculinidades. A reconfiguração do espaço digital como um território de disputa simbólica exige uma atuação política consciente, articulada e interseccional.

Por fim, este artigo espera contribuir para o aprofundamento do debate sobre os impactos sociopolíticos da tecnologia no Brasil, em especial no que diz respeito às intersecções entre raça, gênero, religião e tecnologia. Para que o ambiente digital seja um espaço de emancipação e não de opressão, é preciso cultivar alternativas possíveis baseadas em justiça social, cuidado coletivo e tecnologias comprometidas com a dignidade humana.

REFERÊNCIAS

- ABRAJI. *Narrativas de Resistência: como fazer cobertura de grandes eventos com recorte racial*. (2023). Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/narrativas-de-resistencia-como-fazer-cobertura-de-grandes-eventos-com-recorte-racial>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2020.
- AVRITZER, L. *Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.
- BELLLOTTI, Karina Kosicki. “Delas é o Reino dos Céus”: mídia evangélica infantil e o supermercado cultural religioso no Brasil (anos 1950 a 2000). *História*, Campinas, v. 28, n. 1, 2009. DOI: 10.1590/S0101-90742009000100022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/WcHCyZFWxb8JCmYWwC3f9Xc/>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- BELLLOTTI, Karina Kosicki. *Desafios teóricos para os estudos de religião, mídia e cultura na contemporaneidade. Espaço & Cultura*, Rio de Janeiro, n. 43, p. 5–20, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/46775>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. O pacto da branquitude: psicanálise e branquitude. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 35-42, set./dez. 2007.
- BENTO, M. A. S. *Branqueamento e branquitude no Brasil*. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 25–58.
- BORGES, R. *Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, supl. 2, p. 4211–4224, 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

CARNAIBA, Amanda Freitas; VIEIRA, Bárbara Muniz; RASQUEL, Sandra Gomes. O populismo e a desinformação nos tweets de Bolsonaro. *Revista Compolítica*, v. 13, n.1. 2023. Disponível em: <https://revista.compolitica.org.br/index.php/revista/article/download/657/352> . Acesso em: 25 out. 2025.

CESARINO, L. *Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil*. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 91–120, 2020.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CONNELL, Raewyn W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

CONNELL, Raewyn. W. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (Orgs.). *Masculinidad/es*. Santiago, Chile: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, 1997. p. 1-25.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 424, jan.-abr. 2013.

CONNELL, Raewyn. Masculinidade corporativa e o contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 40, p. 323–344, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645081>. Acesso em: 25 out. 2025.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. *The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford, California: Stanford University Press, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Evangélicos e política no Brasil: o avanço dos fundamentalismos e a aliança com o bolsonarismo*. *Davar Polissêmica*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 87–105, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://revista.fbmig.edu.br/index.php/davar/article/view/139>. Acesso em: 22 jul. 2025.

D'ANGELO, Ana. *Populismo digital: da desconfiança à radicalização*. *Desinformante*, 13 mar. 2024. Disponível em: <https://desinformante.com.br/populismo-digital-desconfianca-radicalizacao/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. *Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques*. *Media & Jornalismo*, v. 18, n. 32, p. 155–169, 2018.

ESQUIRE BRASIL. *Legendários: o movimento cristão que promete resgatar a masculinidade*. 17 set. 2025. Disponível em: <https://www.esquirebrasil.com.br/lifestyle/legendarios-o-movimento-cristao-que-promete-resgatar-a-masculinidade/>. Acesso em: 26 out. 2025.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.

FAUSTINO, Deivison Mendes. *Por que Fanon, por que agora?* São Paulo: Zahar, 2022.

FERREIRA, Caroline. Legendários: conheça movimento que atrai nomes como Eliezer e Thiago Nigro. CNN Brasil, São Paulo, 24 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/legendarios-conheca-movimento-que-atrai-nomes-como-eliezer-e-thiago-nigro/>. Acesso em: 25 out. 2025.

G1. *Legendários: como é o movimento cristão para homens que atraiu Eliezer, Thiago Nigro e Neymar pai*. 7 abr. 2025a. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2025/04/07/legendarios-como-e-o-movimento-cristao-para-homens-que-atrai-eliezer-thiago-nigro-e-neymar-pai.ghtml>. Acesso em: 26 out. 2025.

G1. *Legendários não quer impor modelo obsoleto de masculinidade, diz fundador do movimento*. 10 jun. 2025b. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2025/06/10/legendarios-nao-quer-impor-modelo-obsoleto-de-masculinidade-diz-fundador-do-movimento.ghtml>. Acesso em: 26 out. 2025.

GAZETA DO POVO. *O que é o Legendários, movimento cristão que conquistou famosos e atraiu a ira da esquerda*. 13 abr. 2025a. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-que-e-o-legendarios-movimento-cristao-conquistou-famosos-atrai-ira-esquerda/>. Acesso em: 26 out. 2025.

GAZETA DO POVO. *“Nunca ninguém pagou 80 mil para ir ao Legendários”, diz diretor do movimento*. 15 maio 2025b. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/legendarios-ninguem-pagou-80-mil-inscricao-entrevista/>. Acesso em: 26 out. 2025.

GOMIDE, A. A.; SILVA, M. M. S. *Desmonte e reconfiguração de políticas públicas (2016–2022)*. Brasília: IPEA, 2022.

GONÇALVES BENTO, M. *Religião e política no Brasil: violência legitimada. Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 47–60, 2021. DOI: 10.34019/2237-6151.2021.v18.34156. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/34156>. Acesso em: 22 jul. 2025.

HALL, Stuart. *Encoding/Decoding*. In: HALL, S. et al. *Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies 1972–79*. London: Hutchinson, 1980.

IBGE. *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 27 out. 2025.

INSTAGRAM. *LEGENDÁRIOS, Brasil (@legendariosbrasil)*. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/legendariosbrasil/>. Acesso em: 26 out. 2025.

JUNQUEIRA, R. D. *A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero*. *Psicologia Política*, v. 18, n. 43, p. 449–502, 2018.

KALIL, I. *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018.

KHOSRAVINIK, M. *Social media critical discourse studies (SM-CDS)*. In: FLOWERDEW, J.;

RICHARDSON, J. E. (Eds.). *The Routledge handbook of critical discourse studies*. London: Routledge, 2018. p. 582–596.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

LEGENDÁRIOS. *Conheça o Movimento Global Legendário de homens*. (2023). Disponível em: <https://legendariosbr.com.br/conheca-o-movimento-global-legendario/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

LYNCH, Christian. *A utopia reacionária do governo Bolsonaro (2018-2020)*. Insight Inteligência, v. 89, 2020. Disponível em: <https://insightinteligencia.com.br/a-utopia-reacionaria-do-governo-bolsonaro-2018-2020/>. Acesso em: 25 out. 2025.

LORENTZ, Braulio. Legendários não quer impor modelo obsoleto de masculinidade, diz fundador do movimento. G1, Rio de Janeiro, 10 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2025/06/10/legendarios-nao-quer-impor-modelo-obsoleto-de-masculinidade-diz-fundador-do-movimento.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2025.

MACHADO, J. A.; PASCHOAL, B. *Desmonte de políticas públicas no governo Bolsonaro: análise das políticas de igualdade racial*. Lua Nova, n. 113, p. 247–280, 2021.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. de M. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017. 260 p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/R77dVxk8FBQmxjkm8N7CMWG/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

MATOS, Naiara; SAWAIA, Bader. O poder dos afetos no vácuo da (in)justiça nacional: a dialética entre pressão internacional e saúde ético-política. In: SAWAIA, Bader; ALBUQUERQUE, Renan; BUSARELLO, Flávia (org.). *Afeto e autoritarismo, expressões psicossociais da política brasileira*. 1. ed. Taubaté, SP: Letra Selvagem; Manaus, AM: Edua/AM, 2023. p. 312–320.

MBEMBE, A. *Necropolitics*. *Public Culture*, v. 15, n. 1, p. 11–40, 2003.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

MELO, Breno Cesar de Souza. Autoritarismo digital ou ciberdemocracia? A influência das novas tecnologias sobre as atuais crises democráticas. *Revista Virtual de Estudos da Complexidade*, v. 14, n. 1, p. 125–140, jan./jun. 2023.

MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVkl/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

MIGUEL, Luis Felipe. *Dominação e resistência: desafios para uma política emancipatória*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MONTEIRO, Maria Paula. *Do grito de guerra ao discurso machista: o que está por trás do Legendários*. AzMina, 29 abr. 2025. Colunas. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/do-grito-de-guerra-ao-discurso-machista-o-que-esta-por-tras-do-movimento-legendarios/>. Acesso em: 26 out. 2025.

NASCIMENTO, A. *Imprensa negra: 190 anos de luta antirracista ligam passado e presente*. (2023). Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/?view=article&id=7767:imprensa-negra-190-anos-de-luta-antirracista-ligam-passado-e-presente&catid=558>. Acesso em: 22 jul. 2025.

NOBLE, Umoja Safiya. *Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo*. Tradução: Felipe Damorim. Santo André: Rua do Sabão, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/19135>. Acesso em: 22 jul. 2025.

NOGUEIRA, Bruno. *Impactos do governo Jair Bolsonaro para as políticas públicas de cultura do Brasil*. Políticas Culturais em Revista, Salvador, v. 16, n. 2, p. 153–178, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/52814>. Acesso em: 25 out. 2025.

OLIVEIRA, D. *Uma mídia antirracista na cobertura de violência do Estado*. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/uma-midia-antirracista-na-cobertura-de-violencia-do-estado/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

OLIVEIRA, D.; SANTOS, E. *Contra o genocídio da população negra: subsídios técnicos e teóricos para a luta antirracista*. São Paulo: Quilombação, 2022.

OLIVEIRA, N. R. ; MEDEIROS, D. S. V. ; MATTOS, D. M. F. . Identificação de Câmaras de Eco em Redes Sociais através de Detecção de Comunidade em Redes Complexas: Ferramentas, Tendências e Desafios. In: Débora C. Muchaluat Saade et. al.. (Org.). *Minicursos do XXVIII Simpósio Brasileiro de Sistemas Multimídia e Web (WebMedia)*. 1ed. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação - SBC, 2022, v. , p. 1-50. Disponível em: <https://pdpa.niteroi.rj.gov.br/wp-content/uploads/2023/05/Copia-de-01.pdf> Acesso em: 31 out. 2025.

PERLATTO, F. *Autoritarismo e democracia no Brasil: uma interpretação histórica*. *Locus: Revista de História*, v. 27, n. 1, p. 18–41, 2021.

POLYAKOVA, Alina; MESEROLE, Chris. *Exporting digital authoritarianism: the Russian model*. Washington, D.C.: Brookings Institution, 2019.

QUILOMBAÇÃO. *Quilombação*. (s.d.). Disponível em: <https://quilombacao.wordpress.com/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. *Cascatas de fake news políticas: um estudo de caso no Twitter*. *Galáxia*, v. 41, p. 31–47, 2019.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2019.

RESTIER, Henrique da Costa Souza, *O mal-estar da masculinidade negra contemporânea*. *Aldeia Nagô*, 2021. Disponível em: <https://aldeianago.com.br/o-mal-estar-da-masculinidade-negra-contemporanea-por-henrique-restier-da-costa-souza/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches; *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RICARD, Julie; MEDEIROS, Juliano. *Using misinformation as a political weapon: COVID-19 and Bolsonaro in Brazil*. Harvard Kennedy School (HKS) Misinformation Review, Cambridge, MA, v. 1, n. 2, p. 1–8, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37016/mr-2020-013>. Acesso em: 26 out. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SIAL NETO, Albérico Araújo. *Do que se fala quando se fala em populismo digital?* *Estudos de Sociologia*, Recife, v. 2, n. 31, p. 129–155, 2025.

SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: E-Compós, Brasília, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Silva-2019-LAVITSS.pdf> Acesso em: 25 out. 2025.

SILVA, L. S. da, ROCHA, F. das C., & BALUZ, R. A. R. S. (2025). A formação das bolhas informacionais na comunicação digital: Uma revisão bibliográfica sobre as métricas algorítmicas dentro das redes sociais Facebook, Twitter e TikTok. *Revista Eletrônica De Iniciação Científica Em Computação*, 23(1), 16–23. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/reic.2025.5402> Acesso em: 26 out. 2025.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. *Niterói*, n. 34, p. 35-52, 1º sem. 2013.

SPINOZA, B. Ética. São Paulo, SP: Edusp, 2015.

TABOADA, Carolina; ASSIS, Maria Eduarda; ALKMIM, Marina; GODOY, Camila. Pulso da desinformação: desinformação e democracia nas eleições presidenciais de 2022 no Brasil. Instituto Igarapé, 2023. Disponível em: <https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2023/04/Pulso-da-Desinformacao.pdf>. Acesso em: 25 out. 2025.

TERRA. *Legendários: entenda o movimento cristão que reúne homens para subir montanhas e melhorar casamento*. 8 abr. 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/legendarios-entenda-o-movimento-cristao-que-reune-homens-para-subir-montanhas-e-melhorar-casamento,f8229e63997fc7e7c489b613cf5572c7cb2xeazp.html>. Acesso em: 26 out. 2025.

UOL. AHU: o que significa o grito do retiro cristão masculino Legendários. UOL Notícias, 20 maio 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/05/20/ahu-o-que-significa-o-grito-do-retiro-cristao-masculino-legendarios.htm#:~:text=Talvez%20voc%C3%AA%20tenha%20pensado%20que,%3A%20amor%2C%20honra%20e%20unidade>. Acesso em: 27 out. 2025.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (Orgs.). *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

VIVEROS, Mara V. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WARDLE, Claire; DERA KHSHAN, Hossein. Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WODAK, R. *The politics of fear: What right-wing populist discourses mean*. Lancaster University, out. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282572733_The_Politics_of_Fear_What_Right-Wing_Populist_Discourses_Mean. Acesso em: 22 jul. 2025.

Licença e Direitos:

Autoritarismo Digital no Brasil: Masculinidades Conservadoras e Discurso Religioso no Movimento Legendários, direitos autorais de Guilherme da Silva Pereira, 2025, licenciado sob **Creative**

Commons Attribution 4.0 International License.

